

JESSICA VALENTI

POR QUE

ter filhos



**UMA MÃE EXPLORA A VERDADE SOBRE
A CRIAÇÃO DE FILHOS E A FELICIDADE**

Copyright © 2012 Jessica Valenti

Copyright © desta edição Memória Visual

Título original: *Why Have Kids?: A New Mom Explores The Truth About Parenting And Happiness*

Edição original americana publicada por Amazon Publishing. Direitos da tradução para o português negociados por meio de Sandra Bruna Agencia Literaria.

EDITORA

Camila Perlingeiro

REVISÃO

Aline Canejo

CAPA, PROJETO GRÁFICO

E DIAGRAMAÇÃO

Adriana Cataldo | Cataldo Design

TRADUÇÃO

Bruno Correia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Kunst

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books

V155p

Valenti, Jessica.

Por que ter filhos? : uma mãe explora a verdade sobre a criação de filhos e a felicidade / Jessica Valenti ; tradução de Bruno Correia. – Rio de Janeiro : Memória Visual, 2018.

204 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Why have kids?*

ISBN 978-85-89617-85-7

1. Maternidade 2. Pais e filhos 3. Trabalho e família I. Correia, Bruno II. Título.

CDD 306.87

CDU 316.812.1-055.26-055.62

Rua São Clemente 300 – Botafogo – 22260-004

Rio de Janeiro – RJ – Tel.: 21-2537-8786

editora@memoriavisual.com.br

www.memoriavisual.com.br



MEMÓRIA VISUAL



@memoriavisual



@memoria_visual

Para Hilda e Camila

*Nunca serei capaz de articular plenamente
a profundidade de minha gratidão pelo amor
e cuidado que vocês têm para com Layla.
Sei que ela vai levar isso consigo para sempre.*

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

Mentiras

1. Filhos nos fazem felizes
2. A ligação com a mãe é natural
3. O peito é melhor
4. Os filhos precisam de seus pais
5. “O trabalho mais difícil do mundo”
6. A mãe sabe o que é melhor

Verdades

7. Desistir dos filhos
8. Mães “ruins” vão para a cadeia
9. Mulheres inteligentes não têm filhos
10. A morte da família nuclear
11. As mulheres devem trabalhar
12. Por que ter filhos?

Agradecimentos

Bibliografia

Sobre a autora

Notas

INTRODUÇÃO

A maioria das pessoas ganha flores quando dá à luz — eu ganhei um bebê de um quilo e insuficiência hepática. Por conta de um caso crítico de pré-eclâmpsia, minha incursão na vida materna foi marcada pela urgência médica no lugar dos parabéns. Não houve balões ou distribuição de charutos, apenas olhares preocupados e o zumbido das máquinas de controle dos sinais vitais.

Quando fui fazer um exame de rotina, na 28ª semana de gravidez, eu me sentia bem. Entretanto, a expressão no rosto de meu médico ao aferir minha pressão arterial pela terceira vez deixou claro que eu estava longe de ser a grávida saudável e resplandecente que imaginava ser. Em dez minutos já estava internada no hospital, mas meu marido e eu achávamos que era mera formalidade. Afinal, eu não me sentia mal, e ainda havia meses até a data prevista do parto.

Mas, dois dias mais tarde, meu fígado corria o risco de entrar em colapso devido a uma segunda complicação da gravidez chamada síndrome HELLP, e fui submetida a uma cesárea de emergência. Passou-se 24 horas até eu estar bem o suficiente para ver minha filha, Layla, e quase uma semana até poder tocá-la ou segurá-la. Ela ficou oito semanas no hospital, e nesse período sofreu mais procedimentos invasivos do que a maioria dos adultos poderia aguentar. Durante esse tempo, permanecemos unidos — principalmente porque não havia alternativa.

Uma vez que o perigo imediato passou — quando meu marido e eu sabíamos que Layla ficaria bem —, começou meu verdadeiro problema. Eu estava imensamente grata por ter minha filha e minha saúde, mas não conseguia parar de lamentar pela gravidez e o parto que pensei que teria. Queria desesperadamente entrar na vida materna do modo que havia esperado e planejado tão cuidadosamente.

Dois dias antes de ser internada, havia feito uma visita cuidadosa pelo St. Luke's-Roosevelt Hospital, imaginando que tipo de parto deveria fazer. Estava dividida entre o centro de partos — com banheiras para relaxamento e as vantagens de parir naturalmente — ou um quarto de hospital, onde haveria a sempre bem-vinda peridural. Nunca me ocorreu que eu não poderia escolher em que circunstâncias minha filha nasceria, e certamente nunca me passou pela cabeça que eu poderia ter um bebê doente.

Mais tarde, tive outra desagradável surpresa quando não senti toda aquele amor e alegria por Layla que os amigos e família diziam que sentiria (Uma amiga me contou que o amor que sentia por seu filho era quase como um orgasmo emocional). Quando uma colega me perguntou, enquanto almoçávamos, que nova emoção eu achava mais surpreendente, tive que admitir que era a ambivalência. Os eventos assustadores que cercaram o nascimento de Layla certamente influenciaram o modo como me sentia em relação a minha filha — eu tinha muito medo de sentir o incrível amor que eu tinha por Layla porque ainda temia perdê-la —, mas, com o passar dos meses, fui conseguindo compartimentar o estresse pós-traumático e a tristeza que sentia pelo modo como minha filha veio ao mundo.

Esse sentimento era algo diferente. Algo que nenhum livro de bebês ou palavras de sabedoria haviam me preparado. Não era infelicidade, mas uma sensação inquietante de insatisfação, uma sensação de vazio acompanhada da imensa vergonha de não me sentir “completa” por ser mãe. Não era o que eu esperava.

SEM EXPECTATIVAS

Criar filhos exige pura e simplesmente uma mudança de paradigma. O sonho americano de ser pai e mãe — o ideal que somos ensinados a

buscar e viver — não chega nem perto da realidade, e essa desconexão está nos tornando infelizes.

Menos de 5% das famílias americanas têm babá.^[1] A maioria dos pais não gasta mais de quinhentos dólares em um carrinho de bebê, ou usa fraldas de pano. Ora, a maioria das mães sequer amamenta por mais de alguns meses,^[2] apesar de todo o alarde sobre o peito ser melhor. O que nos apresentam como padrão na criação dos filhos — por meio de livros, revistas e mídia online — na realidade é a exceção. A verdade é muito mais espinhosa, e não tão glamourosa.

Os americanos estão desesperados para descobrir por que exatamente encontram-se tão insatisfeitos e angustiados em relação a ser pais. Procuram todo tipo de conselhos para ajudá-los com seus problemas na criação dos filhos. Mas, observando outras culturas — ou, mais precisamente, generalizações sobre outras culturas — é infrutífero buscar soluções rápidas.

Criar filhos nos Estados Unidos é complexo demais para acreditar que uma agenda lotada de aulas de piano ou um mimo resolverão num passe de mágica todas as minúcias e problemas que fazem parte da educação das crianças. As políticas de licença maternidade e paternidade são totalmente inadequadas — se não inexistentes — na maioria das empresas americanas, e muitas mães se preocupam com perder o emprego ou serem forçadas a abrir mão do sucesso profissional quando a criança nascer. Pais pagam quantias exorbitantes para que outros cuidem dos filhos, e se sentem culpados por abandoná-los. Expectativas sociais sobre o que constitui uma mãe boa ou ruim assombram cada decisão, e a ascensão da indústria de aconselhamento parental garante que mães e pais se sintam inadequados a cada esquina. Nossos filhos nos trazem alegria (na maior parte do tempo), mas os obstáculos em sua criação — sejam sistêmicos ou pessoais — ainda permanecem lá, imutáveis.

Pais e mães não podem continuar sorrindo, fingindo que a culpa, as expectativas, a pressão e as dificuldades cotidianas da criação dos filhos

não existem, ou que as questões que afligem tantas famílias americanas podem ser explicadas em um guia de “como fazer”.

Há cinquenta anos, Betty Friedan escreveu o inovador livro *A mística feminina*, sobre “o problema que não tem nome” — o penoso trabalho doméstico diário que fez infeliz toda uma geração de mulheres. Hoje, esse problema tem um nome (e muitas vezes, fraldas sujas). O problema não são filhos, mas a expectativa da perfeição, ou, no mínimo, da felicidade arrebatadora. Uma mentira sedutora de que ter filhos vai preencher nossas vidas deixa os americanos cegos para a realidade de criá-los.

...

Não há nada que *realmente* possa preparar as pessoas para a realidade de serem pais, mas a maioria dos americanos não lida bem com a incerteza. Por isso tantos guias e revistas sobre criação de filhos e gurus conselheiros!

As pessoas gastam tanto tempo planejando filhos — controlando a ovulação, fazendo fertilização *in vitro*, escolhendo cores do quarto e o tipo de parto — que acabam esperando resultados muito específicos.

As mulheres esperam engravidar de forma relativamente fácil (apesar das assustadoras manchetes alertando que uma mulher com um único cabelo grisalho tem mais probabilidade de ser atingida por um raio que de conceber — como uma matéria de 2010 da rede de TV ABC que alertou que 90% dos óvulos acabam até os 30 anos ^[3]); elas esperam ter um bebê saudável e amamentar sem complicações; esperam que seu companheiro dê conta de metade do trabalho. Acham que os filhos vão preenchê-las de uma felicidade tão pura que vão se satisfazer só de olhar sua carinha de “fiz xixi” por horas, sem se preocupar com a vida, dores nas pernas ou ir ao banheiro. As expectativas são demasiado elevadas para que a realidade esteja à altura.

O problema sem nome que Friedan explorou fazia sentido para muitas mulheres, mas não para todas. Ela falava para um grupo específico de mulheres americanas — as “Betty Drapers”, privilegiadas donas de casa de classe média. Para aquelas que, como minha mãe e minha avó,

trabalhavam em fábricas e em bares, a opressão de ficar em casa assando biscoitos parecia muito atraente. Os problemas parentais de hoje não são tão exclusivos; afetam todas as classes, gêneros e etnias. Imagino que algumas pessoas vivem nesse mundo de perfeição parental, no qual o pior dos dilemas são encontrar o carrinho perfeito, ou a mamadeira com o melhor sistema de vedação interna para impedir que entre ar e o leite vaze. Alguns pais têm a sorte de ter o tempo, a energia e o dinheiro necessários para pensar qual pré-escola oferecerá a seu filho maior probabilidade de ir para Harvard, ou que estilo de criação vai fazer de seu filho uma pessoa mais segura.

Mas esse é um mundo imaginário para a maioria dos americanos, mesmo sendo apresentado como norma e defendido como o ideal. Criar filhos é difícil — muito difícil. E não me refiro às dificuldades ordinárias que todos sabem que os pais enfrentam — a privação do sono e a perda de liberdade, por exemplo. Refiro-me à esmagadora labuta diária da qual temos vergonha de falar. O tédio, o estresse, a irritante insatisfação e a sensação de fracasso pessoal que os pais sentem ao ver que criar um filho não é tão divertido assim. Talvez o pior de tudo seja a culpa que muitas mulheres sentem porque têm muita vergonha de admitir que, apesar do amor por seus filhos, criá-los pode ser uma tarefa chata e ingrata.

Vergonha e culpa se tornaram centrais na maternidade moderna nos últimos vinte anos. E como não? Os pais — especialmente as mulheres — são todos os dias lembrados de que não estão à altura. Se as mães trabalham fora, forçam seus filhos à puberdade precoce^[4] e os transformam em encenqueiros^[5] ao mandá-los para a creche. Se ficam em casa com os filhos, são superprotetoras que abriram mão da vida própria. Há toda uma indústria multimilionária construída sobre a noção de que os pais são despreparados. O que seria dos especialistas em aconselhamento parental se as mães não se sentissem, de uma maneira ou de outra, inadequadas? E quando não são a mídia e os livros, é a constante disputa por superioridade entre as mães que as mantém perdidas. Você está amamentando? Dorme com ele? Usa sling? Em A

poderosa chefona, Tina Fey as chama de “teta-nazistas” — “um fenômeno exclusivamente ocidental, de classe média alta, que ocorre quando as mulheres altamente ambiciosas experimentam a privação de improváveis modos de realização. Os bolsões de infestação mais elevada estão no Brooklyn e em Hollywood”.

A pressão social por si só já é suficiente para fazer com que as mulheres corram assustadas para o DIU mais próximo. Não importa quanto os pais americanos se dedicam a criar seus filhos, há sempre alguém para dizer que estão um pouco abaixo do aceitável.

Pressões sociais à parte, há os obstáculos também cotidianos. As mulheres, em particular, têm mais que uma razão “sem nome” para serem infelizes. Financeiramente, estão ferradas. As diferenças salariais a que as mulheres americanas estão tão acostumadas antes de terem filhos só aumentam quando se tornam mães — ainda mais se forem mães solteiras ou não brancas. Um estudo da Universidade do Novo México mostrou que mães ganham até 14% menos que mulheres que não têm filhos. Um estudo da Universidade de Cornell mostrou que uma mulher sem filhos tem duas vezes mais probabilidade de ser contratada que uma mãe com um currículo idêntico, além do salário inicial ser significativamente mais alto. E claro, os Estados Unidos são o único país industrializado sem licença maternidade remunerada, e algumas famílias gastam metade de sua renda em cuidados com a criança.

Em casa a coisa não melhora. Quando as mulheres se tornam mães, são mais propensas a relatar infelicidade no casamento^[6] — em grande parte, por conta da divisão desigual do trabalho doméstico após a chegada do bebê. Mesmo casamentos que costumavam ser igualitários tendem a migrar para o tradicional depois que o casal tem filhos. Quando a mulher se casa, ganha também sete horas extras de trabalho doméstico por semana (ao passo que, ao casar, homens perdem uma hora diária de trabalho doméstico), e as mães desempenham, em média, dezoito horas semanais de trabalho doméstico a mais que os pais. Visões utópicas de igualdade parental contemplam as obrigações com as fraldas, as mamadas de madrugada e o bombeamento do leite do seio (Se você já teve a

infelicidade de usar uma dessas engenhocas, sabe que ter o mamilo repetidamente sugado como uma vaca leiteira faria qualquer um ficar deprimido).

A verdade é que nós, mulheres, temos muitas razões para sermos infelizes. Mas, o que mais me surpreendeu ao pesquisar para este livro (e como mãe de primeira viagem) é que as mulheres *conhecem* muitas das razões que as deixam insatisfeitas. Reclamamos em fóruns online sobre maridos que não fazem sua parte em casa, ou nos solidarizamos com colegas de trabalho por conta da falta de licença maternidade ou de um horário flexível razoável. Discutimos com regularidade os problemas diários que tornam a criação de filhos tão difícil. Mas, em vez de encarar a insatisfação de frente e tentar resolvê-la, muitos pais americanos estão resignados, acreditando que ter filhos é assim mesmo.

Graças à internet, no entanto, as mães estão se pronunciando mais que nunca. A ansiedade latente que Judith Warner delineou tão bem em seu livro *Mães que trabalham: a loucura perfeita*, transformou-se em um frenesi parental — mas a indignação parece terminar no pessoal, deixando o aspecto político de lado. Blogs de mães são criados para derrubar anúncios de fraldas, mas, em grande parte, silenciam-se sobre a falta de licença maternidade remunerada. Queixam-se da divisão injusta do trabalho em casa, mas raramente relacionam a roupa suja do marido com uma conjuntura política mais ampla que diz às mulheres que elas são mais aptas ao trabalho doméstico. Em uma lista de e-mails de mães, uma mulher quase foi execrada em público por perguntar como outras mães haviam feito para que seus maridos “ajudassem” com o bebê.

A maneira — em constante evolução — como se percebe a criação dos filhos em nossa cultura se deve, em parte, ao fato de os americanos serem incapazes de expressar seus problemas parentais.

Via-se a criação dos filhos como um exercício da comunidade, feito com a ajuda de parentes e vizinhos (o que aconteceu com “Isto é trabalho para um batalhão?”); agora ela é parte do individualismo característico dos americanos. Erica Jong, em uma coluna do *Wall Street Journal* sobre a maternidade, disse que se “existem outros prestadores de cuidados, são

invisíveis [...] mães e pais devem supostamente serem capazes de fazer tudo sozinhos”.^[7] Em 2002, por exemplo, quando uma organização de mulheres resolveu dar início a um programa de assistência à infância, foram criados grupos focais de mães para descobrir o que achavam da falta de creches acessíveis. Surpreendentemente, o sentimento era de empáfia: *Por que o governo deveria me ajudar a cuidar dos meus filhos se eles são minha responsabilidade?* Já ouvi argumentos semelhantes de pais que não vacinam seus filhos — *Sim, pode colocar a comunidade em risco, mas vou fazer o que for melhor para meu filho.* Ou mães e pais que estão dispostos (e que podem) a gastar uma fortuna na educação de seus filhos, em vez de lutar por melhorias no sistema público — *Quem se importa com o sistema educacional universal e de qualidade desde que meu filho vá para uma boa escola?* E isso se repete incessantemente; em nossa busca pela perfeição como pais, perdemos todo o senso comunitário.

A ascensão do individualismo não para por aí; também vem impactando a forma como os americanos veem o casamento. Hoje, na maioria das vezes, as pessoas não se casam por obrigação ou tradição, mas por amor. Kate Bolick, em seu artigo “All the Single Ladies” publicado na revista *The Atlantic*, chama isso de “uma ideologia da geração nascida no pós-guerra, que valoriza a satisfação emocional acima de tudo”.^[8] E agora, a satisfação amorosa dos pais americanos, também. Foram-se os dias de ter filhos para ajudar na fazenda ou no negócio da família. Os pais esperam que seus filhos sejam seus companheiros de alma, da mesma forma que seus cônjuges — querem que os filhos completem a vida dos pais e a família.

Quando esses pequenos e doces seres que deviam ser o centro do universo não conseguem preencher completamente a vida dos pais, chegamos ao mais esmagador sentimento das mães em toda a América: a culpa. Se nossos filhos são nosso mundo, como poderíamos ser cruéis a ponto de odiar o penoso trabalho que vem junto com eles?

Pais e mães americanos amam seus filhos. Mas filhos maravilhosos não são o suficiente para dizer que os sacrifícios valem a pena. Se o amor

que as pessoas têm por seus filhos fosse o suficiente, por que 20% das mães sofrem de depressão pós-parto? Por que alguns pais abandonam seus filhos, ou abusam deles? Se ter filhos é a coisa mais maravilhosa que há, como explicamos para nossas fontes de alegria que um terço deles não foi planejado?

Talvez seja o medo dos grandes problemas — os pesadelos sobre os quais ninguém quer pensar — que nos mantém tão preocupados com as minúcias de classe média alta referentes à criação de filhos, ignorando os problemas maiores. Melhor ficar obcecado com a pré-escola que a criança vai frequentar, ou se sua comida é orgânica e caseira, que se preocupar com a realidade de ter um filho, muito mais séria e aterrorizante.

Estamos morrendo de medo graças aos meios de comunicação — que nos falam de carrinhos que deceparam dedos de seus filhos, ou campanhas publicitárias comparando o ato de dividir a cama com seu bebê a deixá-lo dormir ao lado de uma faca de açougueiro. Mas a verdade é que crianças americanas são mais propensas a não terem plano de saúde que a serem sequestradas. São mais propensas a terem uma doença grave que a serem molestadas por um cuidador infantil ou esquecidas dentro de um carro quente. Nós nos concentramos no absurdo em vez de no dia a dia, porque o mundano é real demais — fora de controle demais — para ser encarado.

Ter um bebê gravemente doente nunca passou pela minha cabeça — apesar de um em cada seis bebês nos Estados Unidos nascer prematuramente. Eu estava muito mais preocupada em encontrar roupinhas que não fossem femininas demais a ponto de ofender minha sensibilidade feminista e comprar blusas de amamentação modernas. Mesmo quando a amniocentese que fiz no começo da gravidez após um exame de sangue mostrou que Layla poderia ter um distúrbio genético (não tem), ainda não entrava na minha mente que eu poderia ter algo além de um bebê saudável, grande e gordinho. Sim, eu era ingênua, mas como a maioria dos pais estava apenas me autoprotegendo. Porque, querendo ou não, ter filhos é realmente uma situação de vida ou morte. E a realidade aterrorizante é que, a partir do momento que nossos filhos

nascerem, sempre há uma chance de que sejam tirados de nós. Não sei quanto a vocês, mas me preocupar com chupetas livres de bisfenol A parece bobagem perto de tantas outras preocupações com a segurança.

Este é um livro sobre como o ideal americano de criação dos filhos não coincide com a realidade de nossa vida, e como essa incompatibilidade vem prejudicando pais e filhos. Como a expectativa de alcançar um certo estilo de criação — no qual somos mães perfeitas e temos parceiros perfeitos, e nossa maior preocupação é se devemos ou não usar fraldas de pano — faz que o real seja muito mais difícil de suportar.

Temos que cair na real acerca de nossas expectativas. Crianças não existem para nos fazer felizes, e tratá-las assim só vai torná-las — e a nós — infelizes. Mas, se conseguirmos derrotar a culpa e a sensação de fracasso pessoal que tantas mulheres abrigam — e não termos vergonha de admitir que a criação dos filhos pode ser uma tarefa chata e ingrata, apesar do amor que sentimos por eles —, poderemos começar a enfrentar questões sociais e políticas mais amplas, que são o que realmente acaba minando a alegria de criar filhos.

É provável que este livro deixe você irritado. A ideia é essa. São tópicos controversos e familiares: uma receita para se defender, por assim dizer. Por conta de minhas crenças pessoais e políticas, tomo certas tendências dos pais americanos como problemas — e minha opinião pode ofender alguns leitores. Tudo bem. Todos os pais e mães — inclusive eu — devem ser desafiados a pensar mais criticamente sobre suas escolhas e o impacto delas sobre seus filhos, sobre a vida deles e do resto da sociedade. Ninguém gosta do “quebra-pau” entre mães ou de batalhas intermináveis sobre que tipo de criação é melhor, mas debater essas questões em voz alta significa que elas são importantes para nós. Que nos preocupamos com a criação de nossos filhos, e que nos preocupamos com eles. Sobre o que mais deveríamos estar lutando?

MENTIRAS

UM

Filhos nos fazem felizes

Meu marido e eu estamos pensando se compramos um cão ou temos um filho.

Não conseguimos decidir se estragamos o tapete ou arruinamos nossa vida.

— *Rita Rudner, comediante*

SE TEMOS ou não filhos, se planejamos tê-los, se somos casados, solteiros ou mesmo se ainda somos crianças, o pressuposto básico sobre cada um de nós é que um dia teremos filhos. Se você é mulher, provavelmente essa crença vem te seguindo a vida toda.

Em 2006, o *The Washington Post* cunhou o termo “pré-gravidez”^[9], em resposta a um relatório do Centro de Controle de Doenças (CDC)^[10] recomendando que todas as mulheres em idade fértil cuidassem de sua saúde pré-concepcional. O CDC queria que todas as mulheres americanas, a partir do momento que tivessem a primeira menstruação até a menopausa, tomassem suplementos de ácido fólico, não fumassem, não fizessem “uso indevido” de álcool, mantivessem um peso saudável, não usassem drogas e evitassem “comportamento sexual de alto risco”. O CDC pedia às mulheres que se comportassem como se já estivessem grávidas, mesmo que não tivessem intenção de engravidar no futuro próximo ou distante. Pela primeira vez, uma instituição do governo dos EUA dizia explicitamente o que as normas sociais sempre haviam sugerido: que todas as mulheres, independente de terem ou quererem ter filhos, eram simplesmente mães em potencial.

Dizer às mulheres que o melhor para a gravidez é automaticamente o melhor para elas estabelece uma dinâmica na qual a maternidade, desde o início, é definida como a priorização das necessidades de seu filho acima das suas próprias.

A ideia de que as mulheres devem permanecer saudáveis não para seu próprio bem-estar, mas para manter um bom ambiente uterino, não cai bem para muitas mulheres. Rebecca Kukla, professora de medicina interna e filosofia na Universidade de South Florida e autora do livro *Mass Hysteria: Medicine, Culture, and Mothers' Bodies*, diz: “As lésbicas, as mulheres

que cuidam criteriosamente da contracepção e que não estão interessadas em ter filhos, jovens de 13 anos, mulheres que não querem ter mais filhos, querem realmente que seu corpo seja visto como em estágio pré-natal, entendido apenas em termos de função reprodutiva?”

Kukla me disse que percebeu que queria pesquisar a cultura da maternidade e da gravidez depois que engravidou, há dez anos. “Fiquei tão tomada pela experiência que não podia deixar de escrever sobre ela”. O momento decisivo surgiu quando leu *O que esperar quando você está esperando*. No início de cada capítulo, o livro traz o desenho de um torso transparente — sem cabeça, braços ou pernas — com um feto dentro, em diferentes estágios da gravidez. As leitoras o usariam para descobrir se seu bebê está do tamanho certo.

Kukla disse que observava o desenho enquanto olhava no espelho sua própria barriga de grávida, tentando descobrir se seu corpo parecia “certo”. Se sua barriga fosse muito pequena, isso poderia significar que o feto não estava crescendo adequadamente. Se fosse muito grande, significava que estava gorda.

“De repente, percebi: espere aí! Eu tenho cabeça e braços, não me pareço nem um pouco com isso!”

Segundo Kukla, essa obsessão com a gravidez que na maioria das vezes apaga as mulheres da foto — às vezes literalmente, como no caso do livro em questão — significa que a preocupação parental havia basicamente “avançado para trás” ao longo da gravidez, e até mesmo para antes da concepção. “O corpo não grávido é literalmente tratado como estando a caminho da gravidez”.

O movimento pré-concepcional tem raízes históricas, observa Kukla, no desejo de que mulheres produzissem cidadãos perfeitos — o Estado sempre teve interesse em garantir que o corpo das grávidas fosse monitorado. Mas o que os críticos do movimento pré-concepcional, como Kukla, acham tão preocupante é o modo como os médicos hoje vendem isso como cuidado para com as mulheres.

“Visavam especificamente às mulheres de baixa renda e às vulneráveis ou marginalizadas, que achavam que não procurariam um

*image
not
available*

*image
not
available*

Quando (ou se) temos filhos, não temos que nos preocupar apenas em entretê-los, estimulá-los, educá-los, e fazê-los felizes em todos os momentos; temos também que transmitir ao mundo em volta que ter filhos foi a melhor decisão que já tomamos, não importa quão difícil ou exaustivo seja. Mesmo dormindo duas horas por noite, tendo os mamilos esfolados pela bombinha de leite, ou não podendo fazer xixi por mais de dois anos sem uma criança olhando, sorrimos, afirmamos a nossas amigas sem filhos que não só vale a pena, mas que somos mais felizes do que jamais fomos. A verdade, é claro, é muito diferente. Dada a preocupação, os malabarismos e os constrangimentos que enfrentamos antes de sequer termos chegado ao âmago da questão de aprender a viver com nossos filhos, não é de admirar que os pais americanos estejam mais infelizes do que nunca.

Minha própria experiência com a infelicidade parental esteve amplamente enraizada no fato de minha filha ter nascido prematura, no meio de uma crise médica que ameaçava minha vida. Ainda me recuperando do trauma de ter parido minha filha quase três meses antes da data prevista, e me recuperando de uma cesárea complicada, minhas primeiras ações como mãe foram visitar Layla na incubadora (só para olhar, pois não podia tocá-la) e dar a limitada energia que eu tinha a uma bomba de leite hospitalar, o que fazia com que me sentisse uma vaca ordenhada eletronicamente. Essas eram, literalmente, as únicas coisas que eu podia fazer como mãe.

Cinquenta e seis longos dias depois, quando Layla finalmente veio para casa, gelei. Paralisada de medo e estresse pós-traumático, fiquei distante. Sim, eu a alimentava, dava banho e a segurava, mas era tudo superficial, feito sem alegria. Não que eu não amasse Layla, mas era incapaz de sentir o imenso amor que tinha por ela por conta do medo avassalador de que ela morresse. Embora ainda me sinta incrivelmente culpada pelos primeiros meses de infelicidade e falta de envolvimento, relaciono o que aconteceu a um trauma. Tenho uma desculpa. Não posso imaginar o tamanho de minha culpa se não tivesse, se fosse simplesmente infeliz sem ter uma uma “boa” razão.